

O TEMPO

A reportagem de **O TEMPO** desvendou mistérios de um dos mais macabros episódios da história brasileira. Há 50 anos, bombeiros retiraram 19 crânios de duas cisternas em uma fazenda de Angueretá, na região Central de Minas Gerais. Com fortes indícios de haver mais ossadas e sendo policiais militares e produtores rurais os suspeitos da matança, a investigação foi interrompida abruptamente. Era época da ditadura militar.

CHACINA DE

ANGUERETÁ

Belo Horizonte, Segunda-feira, 17 de fevereiro de 2025

• Angueretá é o mais antigo entre os cinco distritos de Curvelo.

• O povoado na região Central de Minas já existia quando Curvelo, em 1831, foi emancipado.

• Distante 60 km da sede da cidade e a 100 km de Belo Horizonte, o lugarejo tem cerca de 250 anos.

O mistério das ossadas do “Distrito das Almas”

■ RENATO ALVES

■ Distrito da região Central de Minas Gerais, Angueretá conserva um macabro tabu. De origem tupi, o nome é uma forma adaptada de “lugar das almas”. Surgido de fazendas de gado que exploravam mão de obra escravizada, o povoado era chamado de “Distrito das Almas” quando pertencia a Sete Lagoas e, em 1953, foi incorporado pelo município de Curvelo. Pouco depois, o local virou cenário de execuções e ocultação de cadáveres.

Os crimes foram descobertos em 1975, com a escavação de duas cisternas em uma fazenda. Delas, bombeiros retiraram 19 crânios. A maioria, nunca identificada. E tanto os que trabalharam na investigação quanto testemu-

Matança assombra sertão mineiro 50 anos após descoberta de ossadas em cisternas durante a época da ditadura militar

nhas e moradores disseram que poderia haver mais naqueles buracos, em covas de diferentes propriedades do lugarejo e no rio Paraopeba, perto do córrego das Almas.

Para jogar luz sobre esse episódio, conhecido como **Chacina de Angueretá**, a equipe de **O TEMPO** resgatou documentos e esteve no povoado e em outros lugares onde moravam acusados e vítimas. Recebeu avisos para não mexer no passado e foi alertada sobre a presença de pistoleiros. Ainda hoje, a pouco mais de 100 km de Belo Horizonte, terras são tomadas à força e homens armados e encapuzados expulsam forasteiros.

Mas houve quem falasse sobre o que muitos querem manter silenciado. Em entrevistas, parentes e amigos dos acusados e de possíveis vítimas contaram da matança, dos bastidores das investigações e dos destinos dos suspeitos. Ninguém cumpriu pena pelo conjunto de execuções em Angueretá. Houve ordem para interromper o

trabalho que poderia levar à identificação das ossadas e à descoberta de outras.

As mortes ocorreram entre 1964 e 1974. Elas foram atribuídas a um grupo de fazendeiros e policiais da região. Era época da ditadura militar, regime apoiado por parte dos produtores rurais. Com liberdades civis suprimidas e um novo Código de Processo Penal Militar, o Exército e a Polícia Militar podiam prender e encarcerar pessoas consideradas suspeitas, além de impossibilitar qualquer revisão judicial.

INOCENTES. No caso de Angueretá, ao contrário do propagado por defensores de tal prática – que exaltavam (e ainda exaltam) uma espécie de limpeza social por meio do sumiço de supostos bandidos perigosos –, entre as prováveis vítimas não havia nenhum condenado por crime grave, mas suspeitos de pequenos furtos, pessoas envolvidas em brigas e mesmo trabalhadores sem nenhuma acusação.

A maioria desapareceu após contato

com militares. Alguns eram alcoólatras vistos como um “problema” por se envolverem em confusões. Outros entraram na mira dos policiais por furtarem comércios, sem uso de violência. Já alguns homens desapareceram porque eram desafetos dos agentes de segurança.

Entre os policiais acusados de integrar o esquadrão da morte havia suspeitos de delitos diversos, como extorsão e falsificação de documentos. Mas eles contaram com o apoio de políticos, inclusive ganhando cargos e aposentadoria em empresa pública após o início da investigação sobre os homicídios em Angueretá. Um dos PMs, inclusive, foi acusado de sequestrar e matar para roubar e vender carros das vítimas.

CENSURA. Documentos mostram uma Polícia Civil determinada a desvendar o mistério. Delegados demonstraram a culpa dos suspeitos, com provas e confissões. Mas, logo depois do início da escavação nas duas cisternas e em outras, o trabalho parou. Acusados mudaram as versões dos depoimentos assinados em delegacias. Passaram a negar tudo. E

19

crânios foram encontrados em duas cisternas de uma fazenda em Angueretá

o caso sumiu do noticiário, controlado por censores.

Agora, 50 anos após a descoberta das cisternas, o episódio ganha este caderno especial e as demais plataformas de **O TEMPO**, com áudios e vídeos. Fruto de sete meses de trabalho, o conteúdo não só reconstitui esse capítulo nebuloso da história brasileira, como traz elementos que preenchem lacunas, como as identidades de parte das possíveis vítimas de um grupo criminoso.

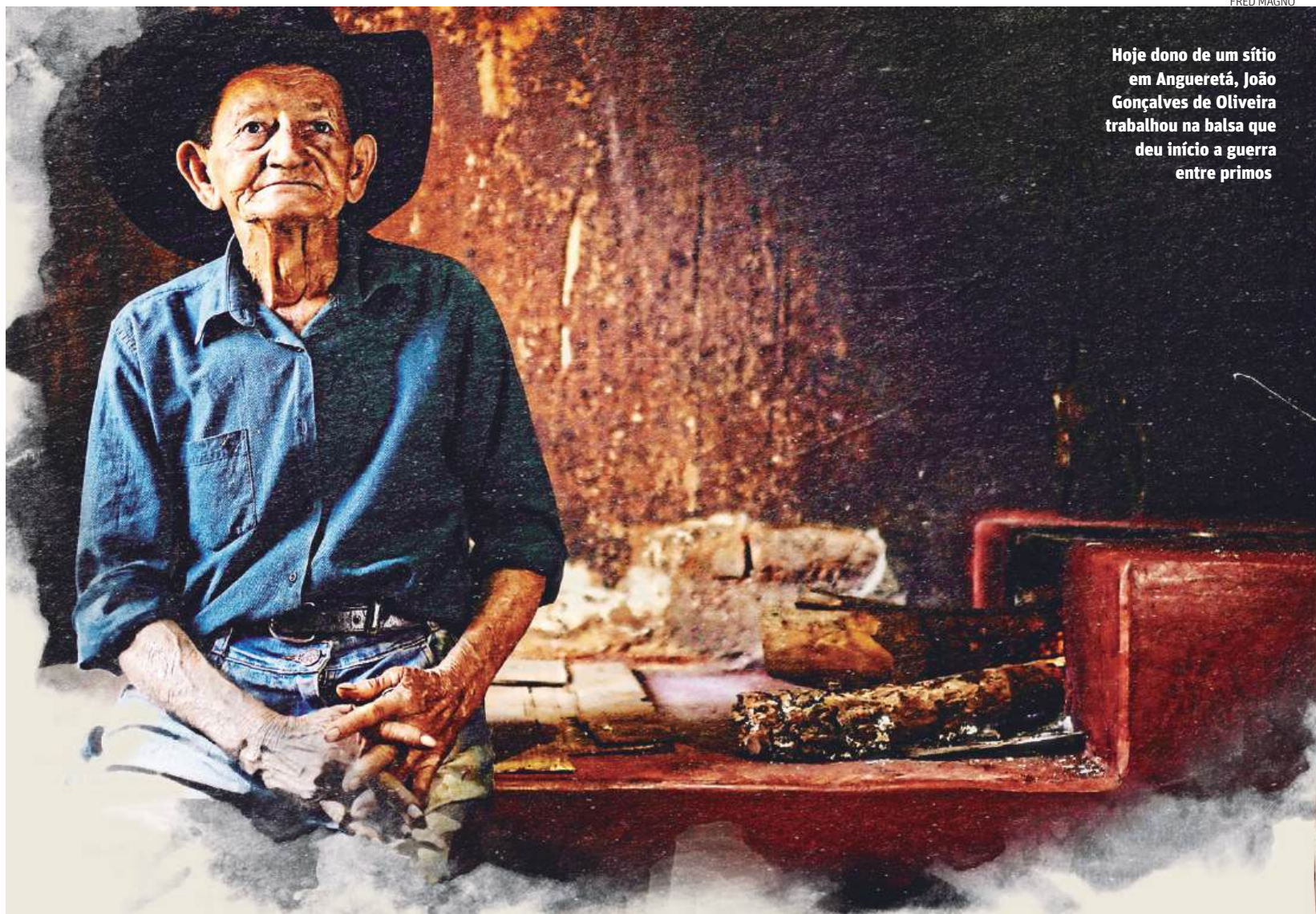
Tudo com relatos de traição, tocaias, fugas, vingança e assassinatos no sertão mineiro, com cenários e personagens iguais aos das obras de João Guimarães Rosa. Mas sem tantas verdades quanto as que inspiraram o escritor de Cordisburgo, cidade vizinha a Angueretá. Desmataram quase todo o Cerrado nas terras que, ainda hoje, são motivo de violentas disputas.



FRED MAGNO



Cemitério de Angueretá: o distrito é marcado por assassinatos impunes e histórias macabras



Hoje dono de um sítio em Angueretá, João Gonçalves de Oliveira trabalhou na balsa que deu início a guerra entre primos

• Outra possível vítima foi João de Souza Lobato. Ele foi visto com vida pela última vez em 24 de outubro de 1967, próximo ao rio Paraopeba.

• Lobato dirigia um caminhão com carvão, mas foi barrado na balsa por não ter dinheiro para pagar a taxa. Houve discussão e socos. Nunca mais se teve notícia dele.

• Casado e com seis filhos, o caminhoneiro não tinha ficha criminal. Havia sido levado para a cadeia de Sete Lagoas algumas vezes por brigas. Alcoólatra, ele foi internado para “tratamento nervoso”.

• Após a descoberta das ossadas na Porto Mesquita, parentes de Lobato receberam apenas informações extraoficiais de que seu destino poderia ser uma das cisternas de Angueretá.

Briga envolvendo balsa deu início a matança

Produtores rurais de Pompéu e Curvelo, que eram parentes, deram início a guerra armada após conflito em meio de transporte sobre o rio Paraopeba

■ RENATO ALVES

Nos anos 1960, até a construção de uma ponte na MG-420, a ligação entre as cidades mineiras de Pompéu e Curvelo era feita por uma balsa, puxada a manivela, sobre o rio Paraopeba, no distrito de Angueretá. O serviço era controlado por José Luís Figueiredo, o Zé Figueiredo, dono da fazenda Porto Mesquita, localizada em uma das margens da travessia.

Ficavam nessa propriedade as duas cisternas que guardavam 19 crânios, retirados em 1975. Restos de vítimas de crimes

Jagunços invadiram igreja após tiros em procissão

■ José Luís Figueiredo voltou a levar um tiro em 1967, novamente em um feriado de Corpus Christi. Durante procissão na rua onde morava, em Sete Lagoas, apareceu um homem e atirou na boca dele. A vítima estava na porta de casa.

“O atirador correu pra procissão. Os jagunços também correram e até invadiram a igreja. O bispo não gostou. Reclamou com o Zé, que

sobreviveu, de novo”, narra Tadeu Machado.

“O Cazulo, que era suspeito de ser o mandante das tentativas de morte do Zé, foi preso e levado para a cadeia de Sete Lagoas. Ficou alguns anos. Ele falava que, a cada ano que passava na cadeia, o Zé ia gastar dinheiro com policiais e advogados para manter ele lá, além dos jagunços. Ia ficar pobre, o que acabou acontecendo”, completou. Ninguém sabe dizer as circuns-

em série iniciados por causa de um desentendimento em torno da balsa, conforme investigação nunca concluída.

Na outra margem do rio, em terras de Pompéu, ficava a fazenda de Gabriel Cazulo. Testemunhas relataram à polícia que ele e Zé Figueiredo se tornaram inimigos depois de episódio envolvendo um caminhoneiro a serviço de Cazulo.

Há ao menos duas versões para o entrevero, ocorrido em 1966. Uma é que o motorista chegou com uma carga de carvão após as 18h, o horário-limite. Ele foi barrado. “O homem pegou quatro sacos de carvão, colocou na balsa e tacou fogo, mas a água do rio apaga-

g o u .

tâncias que Cazulo morreu.

Já Figueiredo faleceu em 17 de agosto de 1991, em Sete Lagoas, por problemas de saúde agravados pelos tiros. Por meio de parentes, as filhas dele disseram que não queriam dar entrevista.

Cecé, sócio da balsa, foi prefeito de Sete Lagoas de 1983 a 1988 e de 1997 a 2000, além de deputado estadual (1993-1996). Ele foi condenado em 2008 por contratar advogado com verba pública para defen-

Acharam a balsa longe. Os jagunços do Figueiredo deram um tanto de tiro na fazenda do outro”, relata João Gonçalves de Oliveira, 83.

João, que mora em um sítio de Angueretá, trabalhou na balsa. Sua mulher, já falecida, era prima de Figueiredo. O idoso se lembra de uma luta armada entre o ex-patrão e homens de Cazulo, após o episódio com a embarcação. “Zé Figueiredo tava com o filho e jagunços num bar de Pompéu. Um cabo, parente do outro fazendeiro, tava na porta. Aí começou um tiroteio”, conta João.

O “cabo” era um militar do Exército, Lair Afonso dos Reis, o Lili Cachoeira, genro de Gabriel Cazulo e filho de Moacir Afonso dos Reis, primo de Zé Figueiredo. Baleado, Lili morreu seis horas depois, em 18 de julho de 1966.

Testemurder interesses particulares. Teve os direitos políticos suspensos. Morreu em janeiro de 2024, aos 88 anos, por insuficiência renal. Seu nome nunca foi vinculado por suspeitos, testemunhas ou investigadores à chacina. (RA)

nas disseram que os tiros foram dados por Zé Figueiredo.

Morador de Sete Lagoas, o empresário Tadeu Machado conheceu alguns dos personagens dessa história. E ele dá uma versão um pouco diferente para o fogo na embarcação e a troca de tiros na cidade de Pompéu.

“A balsa foi construída a pedido de Marcelo Cecé Vasconcelos de Oliveira, amigo de Zé Figueiredo e dono de carvoaria em Pompéu. Para levar o carvão para uma siderúrgica em Caeté, demorava um dia e meio. Com a balsa, a viagem diminuía em um dia. Em troca, cada caminhão de carvão pagava uma cota, com compromisso de entregar na mesma usina. Mas um não aceitou”, relembra Tadeu.

“Um dia, Moacir atravessou o caminhão e não pagou a cota. Ainda levou a carga para outra siderúrgica. Na volta, foi proibido de atravessar, mas o caminhão já estava imbricado na balsa. Levou um dia para um trator tirar. Já a balsa apareceu solta, descendo o rio por 15 km. Levou oito dias para trazer ela de volta”, relata.

Zé Figueiredo culpou Moacir pelos danos à balsa. Dias depois, Cecé e Fi-



gueiredo estavam em Sete Lagoas, quando o fazendeiro viu Moacir. “Cecé dirigia uma caminhonete. Ao ver o Moacir, Zé Figueiredo desceu e deu um muro na boca dele”, conta Tadeu.

O empresário relata que depois, num dia de Corpus Christi, após reunião em Pompéu, Figueiredo e o filho foram almoçar num bar. “Alguém alertou que parentes do Moacir e do Cazulo esperavam o Zé pra matar ele, que saiu com o revólver atirando”.

Na ocasião, Zé Figueiredo foi atingido na clavícula, mas sobreviveu. Uma bala matou Lili Cachoeira. O promotor do caso aceitou a alegação de legítima defesa do fazendeiro. Depois disso, a violência só aumentou.

Mistério começou a ser desvendado quase por acaso

• Em depoimento na Delegacia de Homicídios, em Belo Horizonte, o cabo José Henrique Madureira, conhecido como “Cabo Madureira”, negou qualquer participação na Chacina de Angueretá.

• Disse que os últimos homens que havia matado eram dois fugitivos da cadeia, em 1959. Afirmou ainda que ele e outros dois policiais militares que o acompanhavam foram “obrigados” a assassiná-los porque um deles estava armado com um machado.

■ RENATO ALVES

Fazia anos que os moradores de Angueretá ouviam falar de execuções na Fazenda Porto Mesquita, na margem do rio Paraopeba, na região Central de Minas Gerais. Por isso, muita gente temia aquelas terras e seu dono, José Luís Figueiredo, conhecido como Zé Figueiredo. O mistério começou a ser desvendado meio por acaso, em 1975.

Em 17 de maio daquele ano, um policial civil de Pará de Mi-

nas viajou por 60 km até Papagaios para intimar um homem a depor. Ele contou ao detetive que em Angueretá, distrito da vizinha Curvelo, havia cisternas com ossadas na Fazenda Porto Mesquita. Apontou Zé Figueiredo, então com 63 anos, e parentes do fazendeiro como assassinos.

O policial reportou a denúncia ao diretor-geral da Polícia Civil mineira, Tacir Menezes Sia, que mandou a Delegacia de Homicídios apurar.

Polícia Civil começou a investigar matança no povoado após um homem contar sobre uma cisterna em uma fazenda da região que seria usada para desova

Essa é a versão da corporação. Não foi divulgado o nome do homem nem o motivo para ele delatar os crimes. Já os moradores de Angueretá contam que, após uma briga entre dois primos, residentes no distrito, um deles jurou que contaria à polícia a existência de cisternas com ossadas na fazenda.

O certo é que investigadores chegaram a 13 suspeitos, com depoimentos de testemunhas e relatos de desaparecimentos, principalmente em Sete Lagoas, a 55 km de Angueretá. A maioria dessas pessoas sumiu após serem presas por policiais militares lotados na cadeia da cidade. Entre elas, gente

sem qualquer envolvimento com algum crime.

PEÇA-CHAVE. Os investigadores levaram mais de um mês para achar as cisternas com os 19 crânios. Estiveram em Angueretá diversas vezes. Com moradores, procuraram ossos em algumas cisternas. Reabriram outras tantas. Nada encontraram. Avançaram só ao localizarem um dos suspeitos, morando em Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri.

José Dias da Silva, o Crioulo, seria peça-chave, conforme o relatório final do primeiro inquérito sobre as execuções na Porto Mesquita. Ele tratava do homicídio de um homem identificado como Osmarino e apelidado de Goiano. Policiais civis concluíram que ele foi assassinado em 18 de fevereiro de 1969 e jogado em uma das cisternas.

Crioulo foi levado por policiais civis à Porto Mesquita e apontou a cisterna onde estariam os restos mortais de Goiano. Após cavarem 8 m, encontraram uma ossada, que concluíram ser de Goiano. Crioulo também disse que se prendessem José Teixeira Maciel, o Zé Bigode, desvendariam outros crimes. Dois dias depois, investigadores encontraram Zé Bigode em Montes Claros, no Norte de Minas, a 320 km de Angueretá.

Ex-funcionário da Porto Mesquita, ele confessou o assassinato de Goiano e a participação em outras 13 mortes, todas na propriedade. Disse ser o responsável por abrir e fechar a tronqueira – espécie de portão – que dava acesso ao principal ponto de desova, a “cisterna da cascalheira”. Com Zé Bigode algemado no banco de trás de uma das viaturas, policiais civis apareceram em peso em Angueretá em 25 de junho de 1975. Encontrariam uma cisterna com mais esqueletos do que o número inicial de vítimas.

Uma das ruas do distrito de Angueretá: ossadas encontradas em cisternas de fazenda nunca foram identificadas

Cabo da PM agiu a pedido de produtor rural

Goiano foi morto porque, para Zé Figueiredo, era um pistoleiro contratado para matá-lo. Os investigadores não identificaram Goiano. Receberam informações que ele tinha o apelido por ter nascido em Goiânia (GO), Anápolis (GO), Catalão (GO) ou Brasília (DF). Foram a essas cidades. Procuraram documentos e parentes da vítima. Em vão. Cinco pessoas foram indi-

ciadas no caso. Crioulo confessou o envolvimento e apontou mais três: Zé Figueiredo, Cléber de Oliveira Machado e o cabo da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) José Henrique Madureira, lotado em Sete Lagoas.

Cléber negou ter assassinado alguém. Disse em depoimento ter dirigido o jipe que levou PMs e Zé Figueiredo para matar três vítimas da Chacina

de Angueretá. Já Figueiredo contou ter acionado Madureira após saber que Goiano tramava sua morte. Disse ainda que ele e o PM mataram Goiano com vários tiros nas costas.

À Corregedoria da PMMG, Madureira negou participação no crime, mas admitiu que prendeu Goiano sem ordem judicial e o manteve sob cárcere na casa de um parente de Zé Figueiredo “por oito ou

dez dias”. O cabo alegou ter detido Goiano por ser um suspeito por causa de tatuagens, mas o deixou ir embora após não encontrar prova. As apurações da Corregedoria sobre a Chacina de Angueretá não evoluíram.

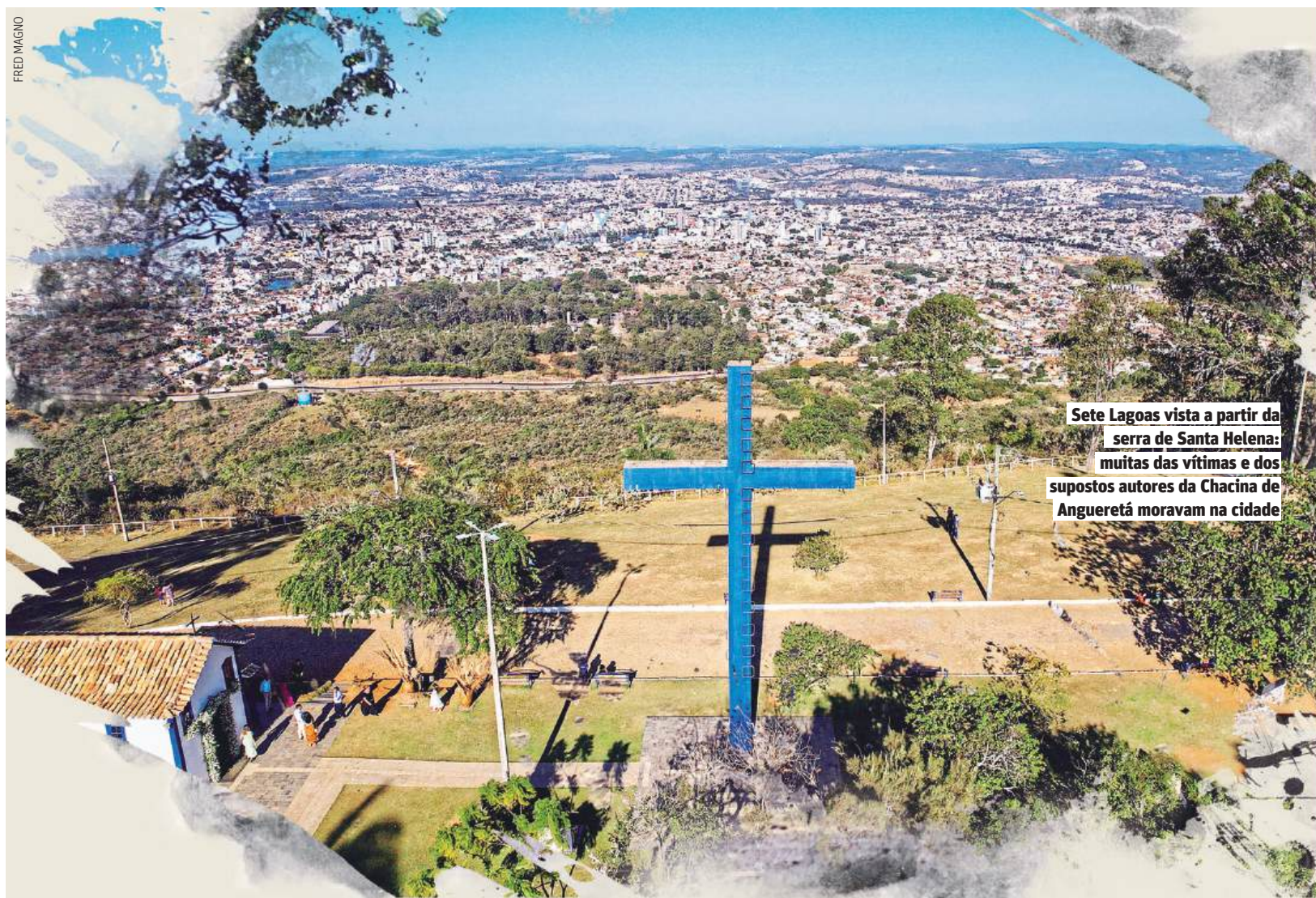
O TEMPO segue aberto para instituições e familiares de todos os citados na reportagem. (RA)

FRED MAGNO

REPRODUÇÃO / BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Recorte da imagem de Zé Figueiredo durante o depoimento

FRED MAGNO



Sete Lagoas vista a partir da serra de Santa Helena: muitas das vítimas e dos supostos autores da Chacina de Angueretá moravam na cidade

Primeiras mortes foram por desconfiança de fazendeiro

■ RENATO ALVES

O caminhoneiro Manuel da Costa Lima, que em Minas Gerais ganhou o apelido de “Nortista” por ser paraibano, é considerado a primeira vítima dos crimes na fazenda Porto Mesquita, em Angueretá, onde bombeiros encontraram quase duas dezenas de crânios na década de 1970.

Assim como as duas vítimas posteriores, Nortista foi sequestrado e assassinado porque o dono da propriedade, José Luís Figueiredo, o Zé Figueiredo, temia que o caminhoneiro fosse um pistoleiro contratado para eliminá-lo, conforme mostrou a investigação.

Nortista chegou a Pompéu em 1954, à procura de emprego nas fazendas da região, onde predominava a agropecuária e brotavam os fornos para fazer carvão das árvores do Cerrado. Rapidamente, ele arrumou emprego como motorista de caminhão.

Nortista se casou com a filha de um rico fazendeiro. Mas, ao mesmo tempo em que ganhou uma vida financeira mais tranquila, ele passou a se envolver em muitas brigas. Era tido como um homem valente e de esto-

Após trocar tiros com primos, que eram seus vizinhos, Zé Figueiredo passou a se sentir ameaçado por supostos pistoleiros contratados para matá-lo

pim curto, daqueles que não levam desaforo para casa.

Um dia, Nortista recebeu uma carta comunicando a morte da mãe, na Paraíba. Para lá foi. Teria matado o próprio pai, durante briga em casa. Voltou às pressas para Pompéu. Mas, com um mandado de prisão contra ele, acabou preso e levado para a Paraíba.

A mulher de Nortista decidiu terminar o casamento e morar em Brasília. Já o homem conseguiu fugir da cadeia e voltou a se esconder em Minas Gerais, conseguindo emprego como motorista na construção de uma barragem perto de Pompéu.

Tempos depois, em 1967, Nortista foi visto em Angueretá, onde soube da partida da esposa. Nunca mais ele foi visto com vida. De Brasília, a mulher enviou uma carta ao delegado de Pompéu pedindo informações sobre o ex para o processo de divórcio. Ela recebeu um relato sobre as ossadas de Porto Mesquita.

LAÇADOR. José Prainha da Silva é considerado a segunda vítima da Chacina de Angueretá. Ele trabalhava como laçador de cavalos da Prefeitura de Sete Lagoas, profissão comum à época em cidades do interior, onde era grande o número de animais soltos em ruas e praças.

Mas Prainha não acabou em uma das cisternas da Porto Mesquita. Ele foi enterrado em uma fazenda vizinha à propriedade de Zé Figueiredo, segundo dois irmãos, que confessaram ter sequestrado e matado Prainha por ser suspeito de planejar a morte do fazendeiro.

Um dos irmãos é Elmar de

Oliveira Machado. Alto, de pele muito clara e bigode espesso, ele tinha dez filhos. A família morava na maior casa do distrito. Com 47 anos, Elmar era dono de um armazém e um bar, além de cabeças de gado, quando prestou depoimento à Polícia Civil, em 30 de junho de 1975.

Após a descoberta das ossadas, Elmar, que era conhecido como “Sinhô Peixe”, disse a investigadores e jornalistas que matou Prainha “porque não tinha outro jeito”. E apontou o irmão Antônio de Oliveira Machado, o Zizinho, como coautor do crime.

Sinhô Peixe contou que, numa noite de

■ O laçador de cavalos José Prainha foi mantido em cárcere na fazenda de Zizinho, vizinha à Porto Mesquita, durante uma madrugada inteira. Mas, ao desconfiar que os irmãos não eram policiais, ele começou a confrontá-los.

No início da manhã, depois de longa discussão, Prainha avançou sobre Sinhô. Zizinho deu dois tiros em Prainha, que caiu morto. Sinhô deu mais um. Para ocultar o crime, os irmãos enterraram o corpo na fazenda de Zizinho, em uma cova

fevereiro de 1969 – quando Zé Figueiredo estava em Sete Lagoas com jagunços para encontrar um certo Goiano, que acreditava ser um pistoleiro contratado para matá-lo –, acabou se deparando com Prainha.

O laçador de cavalos foi levado à força para Angueretá e entregue a Sinhô Peixe e Zizinho. A Prainha, disseram que os dois eram policiais encarregados de investigar planos para matar Zé Figueiredo, segundo depoimento de Sinhô Peixe dado aos policiais da época.

a seis palmos, perto de um gravatá e um “pé de pau meloso”.

Sinhô também contou que jogou Prainha na sepultura improvisada “com o rosto virado para a terra e com suas roupas e documentos”. Quando o caso veio à tona, com as ossadas de Angueretá, Zizinho já havia vendido a propriedade a uma siderúrgica de Sete Lagoas, que foi tomada por eucaliptos de reflorestamento.

Com a derrubada das árvores nativas de Cerrado para a produção de carvão e, depois, o plantio de eucalipto, no período entre a morte de Prainha e o depoimento de Sinhô, a referência para a cova do laçador

• Responsável pelo primeiro inquérito da matança, o delegado Murilo Ribeiro Junqueira classificou o grupo de Zé Figueiredo como “esquadrão da morte”.

• No relatório final, o delegado escreveu que “não havia um critério de apuração e julgamento das vítimas indefesas” da Chacina de Angueretá.

• “Bastava alguém insinuar que beltrano ou fulano estaria contratado para matá-lo que o esquadrão se reunia e o julgamento era rápido, com o fulano ou beltrano indo inevitavelmente para o fundo da cisterna. Assim aconteceu com Prainha, Nortista e tantos outros”, concluiu o delegado.



Sequestro, cárcere, mentiras, luta e dois tiros fatais

de cavalos se perdeu.

Contratados pela Polícia Civil, moradores de Angueretá passaram os dias 3 e 4 de julho de 1975 tirando oito palmos de terra no terreno. Cavaram diversos buracos, mas não encontraram nenhuma ossada.

Conforme a apuração policial, Prainha nunca teve ficha criminal. Também não havia provas de que era um pistoleiro. Já Goiano foi encontrado por Zé Figueiredo no dia da morte de Prainha.

Estava na cadeia de Sete Lagoas, trancado havia dias, sem ordem judicial. Os investigadores concluíram que ele foi morto e jogado em uma das cisternas de Angueretá. (RA)

Intervenção política interr

“Meu pai queria limpar as cisternas. Mas aí veio uma intervenção política que mandou parar tudo, cortou a verba da polícia. Meu pai falou que pagaria para tirar o resto, mas os parentes e amigos falaram para deixar aquilo pra lá”.

Luiz Otávio Machado, herdeiro da fazenda Porto Mesquita

■ RENATO ALVES

À época da descoberta dos 19 crânios na Porto Mesquita, a fazenda pertencia a Joaquim Cordeiro Machado. Mas ele não sabia dos crimes cometidos em suas terras, que comprara quatro anos antes de um advogado. Este havia adquirido a propriedade em 1970, de José Luís Figueiredo, o Zé Figueiredo.

A fazenda hoje é administrada por Luiz Otávio Machado, quinto dos sete filhos de Joaquim. Ele, que tinha 9 anos quando encontraram as ossadas, lembra-se da chegada dos investigadores na madrugada de 25 de junho de 1975. “Uns policiais bateram na porta da nossa casa e contaram a história dos assassinatos. Disseram que estavam procurando as cisternas”.

Luiz Otávio diz que o pai “desarmou todo”, pois não tinha ideia dos crimes em sua propriedade. “Mas ele fez questão de ir com o Zé Bigode, que estava atrás de um dos carros e tinha contado para os policiais que eram dez

corpos. Primeiro acharam 14. Lembro do meu pai virar e falar: ‘Catorze, Zé? Isso tudo?’ Depois eram 19”, relata o herdeiro da propriedade.

Zé Bigode era o apelido de José Teixeira Maciel, funcionário da Porto Mesquita quando a fazenda pertencia a Zé Figueiredo. Foi com a prisão e confissão de Zé Bigode que os policiais chegaram às ossadas. Ele apontou o local da desova e contou ser o responsável por abrir e fechar a tronqueira – espécie de portão – que dava acesso à “cisterna da cascalheira”.

Policiais civis, bombeiros e dono de fazenda foram proibidos de continuar escavações em cisternas onde supostamente haveria mais ossadas

parentes e amigos falaram para deixar aquilo pra lá”, lembra o herdeiro da Porto Mesquita.

AMARRADOS. Ao menos quatro suspeitos detalharam as execuções em Angueretá, em depoimentos à Polícia Civil que constam no relatório sobre a série de crimes. Os documentos foram recuperados pela equipe de **O TEMPO** em arquivo público.

Dois desses suspeitos, que foram indiciados, são Zé Bigode e um homem conhecido como “Boca Rica”. Eles apontaram os locais da desova. Também deram informações detalhadas sobre as vítimas, que foram atestadas por peritos ao encontrarem as ossadas.

Zé Bigode disse que recebia para abrir a porteira quando os assassinos chega-

vam com as vítimas e para cobrir os corpos com terra e cascalho. Boca Rica contou ter dirigido o jipe usado em alguns crimes, com as vítimas escoltadas por policiais militares e levadas à morte amarradas com fios de náilon. Peritos encontraram o material junto aos ossos nas cisternas.

Zé Bigode acrescentou que, ajoelhadas, as vítimas receberam ao menos um tiro na cabeça. Relatou que, na primeira cisterna aberta, onde havia só um crânio, a pessoa morreu após o executor enfiar o cano de um revólver na boca dela, deslocando um dente postiço. Um perito constatou que faltava um incisivo lateral da arcada superior no crânio encontrado.

AO LONGO DO ANO DE 1969, 12 PESSOAS DETIDAS NA CADEIA DE SETE LAGOAS DESAPARECERAM APÓS SEREM LEVADAS POR PMs.

ARTE: ACIR GALVÃO
TEXTO: RENATO ALVES

FORAM LEVADOS NA TRASEIRA DE UM JIPE, AMARRADAS, ENCAPUZADAS E SOB A MIRA DE REVÓLVERES, ESPINGARDAS E FUZIS, SEGUNDO TESTEMUNHAS.

EM UMA ÁREA DE CERRADO, FORAM COLOCADAS DE JOELHOS, EXECUTADAS A TIROS E JOGADAS EM CISTERNA, CONFORME INVESTIGAÇÃO.

EM 1975, APÓS DENÚNCIA À POLÍCIA CIVIL, BOMBEIROS RETIRARAM 19 CRÂNIOS DE DUAS CISTERNAS NA PORTO MESQUITA.

ELAS TIVERAM COMO DESTINO A FAZENDA PORTO MESQUITA, EM ANGUERETÁ, DISTRITO DE CURVELO, NA REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS.

Compêu investigação policial

“O povo daqui fala que tinha mais gente morta, por fora (além das que foram jogadas nas cisternas). Dizem que também teve gente jogada no rio. Eu acho que foi isso mesmo”.

João Gonçalves de Oliveira, morador de Angueretá, ex-funcionário da fazenda Porto Mesquita

Ponte sobre o rio Paraopeba, na divisa entre Curvelo e Pompêu: moradores dizem que, além de cisternas, o curso d'água era usado como local de desova de corpos

Vítimas da chacina receberam ao menos um tiro na cabeça

■ Peritos e bombeiros passaram duas semanas na Porto Mesquita. Tiraram uma ossada completa de uma cisterna, a 150 m da sede da fazenda, e outras 18 de outra, a 400 m da casa e a 100 m do rio Paraopeba. Com uma distância de cerca de 200 m entre uma e outra, as cisternas eram buracos cavados em meio ao Cerrado, sem identificação ou acabamento. A que tinha a maior quantidade de ossos media 28 m de profundidade.

Examinando os crânios, legistas concluíram que receberam tiros de calibre .32 ou .38. Um era de um jovem com 17 ou 18 anos, e os demais, de pessoas de 25 a 45 anos. A equipe de O TEMPO tentou encontrar as os-

sadas e outras provas, mas a Polícia Civil informou, em nota, que não poderia ajudar. As cisternas foram fechadas há 15 anos, quando a mata deu lugar ao pasto.

Luiz Otávio Machado diz não se incomodar em morar e trabalhar nas terras de uma chacina. Acredita que o tempo apagou um suposto estigma. “Hoje pouca gente fala disso. E todos os envolvidos morreram”, pondera. Quando ele deu a entrevista, seu pai estava com 92 anos e morava em Pompêu. Joaquim Machado não tinha condições de receber a reportagem porque estava com a saúde bastante debilitada. Morreu meses depois, em novembro de 2024. (RA)

Evidências

Peritos apontaram que águas levaram mais ossos

➕ Os homens que trabalhavam na remoção dos 19 crânios das cisternas de Angueretá disseram que muito provavelmente havia mais vítimas, por uma série de evidências, além do fato de o trabalho deles ter sido interrompido de forma abrupta.

Os buracos eram muito fundos e estavam tomados por água. Davam em um fértil lençol freático, com galerias subterrâneas, espécie de rio sob a terra, que pode ter levado outros ossos. Conforme a investigação, bombeiros encontraram mais ossos do que os 19 crânios indica-

vam, no meio da lama.

Suspeitos disseram que jogaram cascalho sobre os corpos para esconder a vítima e o mau cheiro. Havia outra forte suspeita sobre maior quantidade de pessoas mortas: a de corpos jogados no rio Paraopeba. Era (e ainda é) relatada uma prática comum para impedir a localização de vítimas de assassinatos.

Após serem executadas em terra, as vítimas tinham a barriga cortada. Dentro d'água, o sangue e as vísceras atraíam as piranhas, abundantes no rio que corta o distrito de Curvelo. Em duas horas,

os peixes carnívoros devoravam tudo, inclusive roupas.

“Acharam 19 (crânios) na cisterna. Mas tinha mais, que jogaram no rio. É o que dizem”, comentou Aristeu Ribeiro de Almeida, 74, que nasceu e ainda mora em Angueretá. Trabalhou na Porto Mesquita quando ela pertencia a Zé Figueiredo. “O povo fala que tinha mais gente morta, por fora. Dizem que teve gente jogada no rio. Acho que foi isso mesmo”, reforçou João Gonçalves de Oliveira, 83, morador do povoado. (RA)



ENTRE AS VÍTIMAS ESTARIAM OS DETENTOS LEVADOS DA CADEIA E OUTROS APONTADOS COMO SUPOSTOS PISTOLEIROS CONTRATADOS PARA MATAR O DONO DA FAZENDA.



PERITOS E BOMBEIROS CONCLUÍRAM QUE PODERIA HAVER MUITO MAIS OSSADAS NAQUELAS E EM OUTRAS CISTERNAS, MAS UMA “ORDEM POLÍTICA” MANDOU PARAR A INVESTIGAÇÃO.

“Ele dormia com um revólver debaixo do travesseiro. Eu ia lá de madrugada e tirava as balas. Tinha medo dele fazer bobagem.”

João Gonçalves Martins, amigo de Zé Figueiredo

Paranoia teria motivado a criação de milícia na região

A investigação mostra que policiais militares mataram pessoas a pedido de fazendeiros e, depois, usaram propriedade rural para desovar desafetos; os agentes recebiam “presentes” pelos assassinatos

■ RENATO ALVES

■ José Luís Figueiredo ficou paranoico por ter sido vítima de tentativas de assassinato, em uma guerra contra vizinhos. Ele via pistoleiros por todos os lados. E isso levou o dono da fazenda Porto Mesquita, em Angueretá, a formar um pequeno exército de jagunços, que incluía parentes e policiais militares. Essa foi a conclusão da investigação iniciada após a descoberta de 19 crânios em duas cisternas da propriedade rural, na década de 1970.

Ainda hoje, moradores da região contam que Zé Figueiredo, o fazendeiro, via qualquer estranho como inimigo. “Ele ficou meio biruta”, diz João Gonçalves Martins, 81. Também fazendeiro, ele era amigo e vizinho de Figueiredo, que morou na propriedade de Martins. “Ele dormia com um revólver debaixo do travesseiro. Eu ia lá de madrugada e tirava as balas. Tinha medo dele fazer bobagem. Só queria brigar”, conta Martins.

Zé Figueiredo teria perdido a razão depois de levar um tiro na boca. A bala ficou alojada nele. Os médicos não fizeram cirurgia por risco de morte. Depois de as ossadas serem encontradas, ele ficou preso por três dias. Ganhou habeas corpus para responder às ações em liberdade. Em depoimentos, alegou amnésia. Por fim, nunca cumpriu pena pelos crimes.

PROPINAS. Inquéritos mostraram que, após ao menos três assassinatos ligados diretamente ao dono da Porto Mesquita, policiais militares receberam autorização para usar o local como ponto de desova. Entre as vítimas dos PMs estariam 12 pessoas presas na cadeia de Sete Lagoas ao longo do ano de 1969, mas que não tiveram o registro de entrada.

Da maioria, os investigadores só souberam os apelidos, citados por testemunhas. Outras foram identificadas graças à repercussão do encontro das ossadas em Angueretá. Duas dessas testemunhas eram ex-detentos. Outra era um cabo da PM que trabalhou na cadeia no período dos sumiços dos presos.

Policiais civis também garantiram haver provas de que fazendeiros de Pompéu e Curvelo financiaram militares pa-

ra eliminar suspeitos de furtos. Em troca, os policiais recebiam “presentes”, que iam de porcos e bois a carros e motos. Um deles teria ganhado um bar completo, com todos os móveis e utensílios.

Houve relatos de que entre as vítimas havia caixeiros-viajantes; turistas atraídos pelas grutas da região e pelo rio Paraopeba; homens em visita a parentes. Mas, assim como sobre a maioria dos crânios retirados das cisternas, restaram dúvidas e especulações. A Polícia Civil recebeu várias denúncias, inclusive a de que pais e dois filhos pequenos poderiam estar entre as vítimas, o que nunca foi provado.

INTIMIDADE. Entre os policiais citados como jagunços de Zé Figueiredo em diferentes inquéritos estavam o cabo José Henrique Madureira, o escrivão José Geraldo do Espírito Santo e os soldados Antônio Pereira Chaves e José Oliveira Castro. Em depoimentos, eles confirmaram a proximidade com Zé Figueiredo e que conheciam algumas das possíveis vítimas da chacina, mas negaram ter cometido crimes.

José Castro, que tinha 37 anos em 1975 e trabalhou em Sete Lagoas de 1969 a 1971, admitiu ter respondido a processos por homicídio, inclusive com prisão preventiva, mas frisou que nunca foi condenado. Ele e o cabo Madureira namoraram filhas de Zé Figueiredo.

Madureira era o chefe do destacamento da PM em Sete Lagoas. Já o soldado Chaves, que tinha 38 anos quando as ossadas foram achadas, disse ter conhecido Zé Figueiredo em 1966. Contou ter participado de investigações sobre um atentado sofrido pelo fazendeiro. Confirmou também ter sido alvo de inquérito em 1971 por espancamentos e falsificação de carteiras de habilitação, mas foi absolvido.

À época da apuração desta reportagem, apenas Chaves estava vivo. Morava em Sete Lagoas. Ele se aposentou pelo Saae. Ganhou um cargo na empresa municipal de água e esgoto no primeiro mandato do prefeito Marcelo Cecé Vasconcelos de Oliveira, amigo de Zé Figueiredo. A equipe de **O TEMPO** tentou uma entrevista com Chaves por meio de amigos dele, mas não obteve retorno.

Cadeia de Sete Lagoas: inativas hoje, celas abrigaram algumas das possíveis vítimas de PMs que chefiavam a unidade



FRED MAGNO

• Sobre algumas das pessoas que foram presas na cadeia de Sete Lagoas sem acusação formal ou registro de entrada e que desapareceram ao serem levadas por policiais militares, os policiais civis só souberam os apelidos.

• Entre eles estavam Sangue Puro e Canário Pardo. Ambos eram andarilhos, segundo outras pessoas detidas na mesma unidade policial na época e policiais que lá trabalharam e prestaram depoimentos como testemunhas.

• A Chacina de Angueretá foi objeto de pesquisa da Unicamp. O estudo “Um Crime: Reflexo de um Período – Angueretá/MG (1968-1974)” concluiu que o grupo apontado como responsável pelos crimes no distrito de Curvelo pode ser caracterizado como “sendo de mesmo caráter dos demais esquadrões da morte”.

Taxista Sumiu após Sair com PM para vender carro

Policial foi apontado como responsável por sequestro e execução de motorista de táxi para ficar com o dinheiro da venda do carro; na época, família da vítima sofreu perseguição de militares

■ RENATO ALVES

O taxista Jair Pereira Barbosa, aos 33 anos, tinha mulher e três filhos, com um quarto em gestação, quando saiu de casa, em 9 de abril de 1971, dizendo que ia se encontrar com um policial militar para tratar da venda do seu carro. Ele engordava a renda com compra e venda de veículos usados. Dessa vez, negociava seu DKW-Vemag novo.

Jair contou para a esposa que o cabo José Henrique Madureira, da Polícia Militar, que comandava a cadeia de Sete Lagoas, tinha um comprador para o carro. E foi ao local de trabalho do PM. De lá

os dois seguiram em direção ao suposto interessado, um fazendeiro da região. Jair nunca mais foi visto.

Ele morava com a família em uma rua paralela à da cadeia de Sete Lagoas. Desde aquele dia, sua mulher, seus cunhados e seu sogro deram início a uma busca. Era comum irem à delegacia e receberem a informação de que Jair havia sido visto em outra cidade mineira. E para lá se deslocavam, sem nunca encontrar qualquer pista.

Nesse período, o sogro e os cunhados do taxista sofreram várias abordagens de PMs. O sogro, que era ferroviário e maestro da centenária Ban-

da União dos Artistas – ativa até hoje – chegou a ser apontado como um dos chefões do jogo do bicho em Sete Lagoas. Uma mentira. Ele nunca esteve envolvido com delito algum.

A perseguição só acabou com intervenção de lideranças da Igreja Católica que conheciam o sogro de Jair. Eles conseguiram, inclusive, a troca da cúpula da Polícia Civil em Sete Lagoas, ao exigirem uma resposta para o desaparecimento do taxista. Os antigos policiais eram vistos como cúmplices dos sumiços de presos da cadeia.

Após surgirem notícias das ossadas na fazenda Porto Mesquita, em Angueretá, distrito de Curvelo, em 1975, parentes receberam a informação de que Jair havia sido morto naquela propriedade e jogado em uma cisterna. O cabo Madureira era o suspeito de ter cometido o crime, com o intuito de ficar com o dinheiro da venda do DKW-Vemag.

EXECUÇÕES. O cabo Madureira, o soldado Antônio Pereira Chaves e o escrivão José Geraldo do Espírito Santo foram apontados como policiais da cadeia de Sete Lagoas envolvidos no sumiço e na execução de presos levados para Angueretá.

Em depoimento prestado em 4 de julho de 1975, José Geraldo disse não saber da Chacina de Angueretá, mas contou ter sido levado pelo cabo Madureira à fazenda Porto Mesquita, em 1968, para presenciar a execução de três homens, depois jogados em uma das cisternas.

José Geraldo afirmou ter testemunhado o triplo assassinato após ser abordado por Madureira no meio da rua, em Sete Lagoas, e ser convidado para um passeio num carro dirigido por outro policial. O escrivão contou ter passado mal quando atiraram nas três vítimas, amarradas umas às outras.

Madureira, Chaves e José Geraldo foram citados por outros acusados e várias testemunhas como assassinos de Angueretá. José Teixeira Maciel, o Zé Bigode, que confessou crimes em depoimento, apontou dois desses policiais como executores de três homens na Porto Mesquita. E acrescentou outro.

Sem precisar a data, Zé Bigode contou que, numa noite de 1968, chegaram Madureira, José Geraldo e o carcereiro Raimundo Teixeira, o Diquinho. Levavam três homens com as mãos amarradas para trás. Todos seguiram até a beira da “cisterna

da cascalheira”, na Porto Mesquita, onde ele e os policiais balearam os homens nas costas.

Além do ano e da quantidade de pessoas mortas naquela noite, os depoimentos de Zé Bigode e de José Geraldo batem em outro ponto. Zé disse que o escrivão desmaiou, mas após dar ao menos um tiro. Ainda segundo Zé, Madureira pegou a arma do colega no chão e a descarregou nas vítimas.

MORTE PRESUMIDA. Também em depoimento, Madureira negou envolvimento no desaparecimento de Jair e em outros crimes. Mesmo sem o corpo, a Polícia Civil deu o caso como encerrado, com “morte presumida”, baseado nos depoimentos e nas evidências sobre o destino do taxista. Assim, a esposa dele passou a receber pensão do Estado.

Já o soldado Chaves, outro envolvido na matança de Angueretá, segundo os investigadores, trabalhava na cadeia de Sete Lagoas, que também abrigava delegacias da Polícia Civil. Ele e Madureira investigavam supostos crimes, a pedido de comerciantes e fazendeiros.

Ainda conforme a investigação da Chacina de Angueretá, a dupla prendia suspeitos, sem qualquer mandado judicial. Também fazia interrogatórios. Julgava e condenava, inclusive com pena de morte, que legalmente inexistia, mesmo em tempo de ditadura, quando policiais militares tiveram poderes ampliados.

Veja quem são algumas das pessoas presas na cadeia de Sete Lagoas em 1968 e 1969, mas que não tiveram o registro de entrada e de lá saíram na companhia de PMs, nunca mais sendo vistas:

Edson da Conceição Santana, o Sarapó, desapareceu aos 18 anos, em 15 de abril de 1969, após ser preso. A família foi comunicada apenas que ele havia ido para São Paulo. Antes, foi detido algumas vezes por brigas.

Geraldo Pereira Cruz, o Ladinho Claro, praticava pequenos furtos para manter o vício em álcool, segundo parentes. Trabalhava como engraxate em Sete Lagoas. Sumiu em 1968, depois de ser levado para a cadeia.

Levi Ramos Ribeiro desapareceu em abril de 1974, após ser preso sem acusação formal. Era amigo de policiais e empresários. Familiares disseram que ele “sabia demais” sobre crimes dessas pessoas.

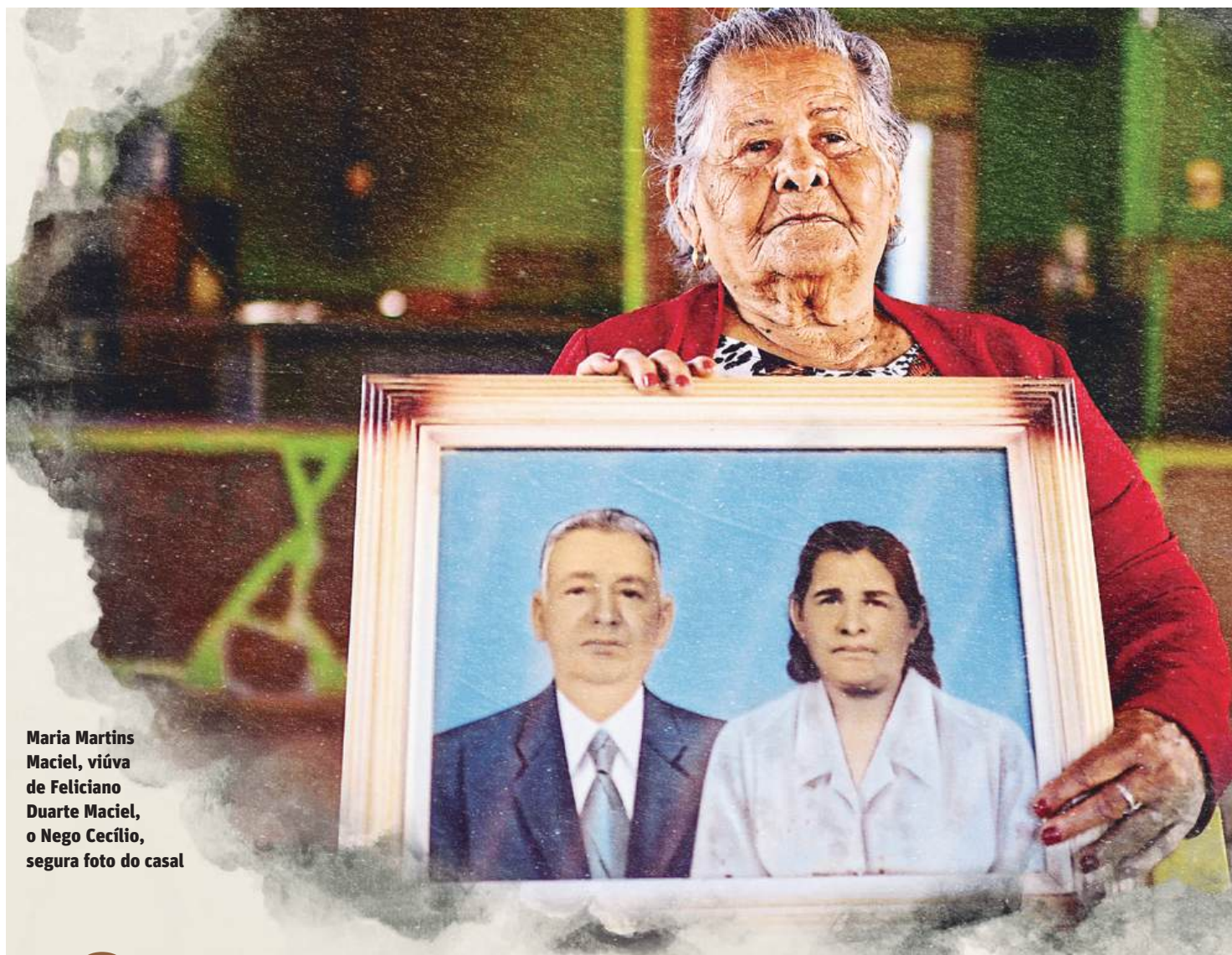
Raimundo Pereira, o Genuíno, desapareceu em 1968, aos 23 anos, após brigar e ser preso. Parentes ouviram de PMs que ele foi colocado em um caminhão com outros detentos para trabalhar em uma fazenda.

Roberto Pereira Costa, sapateiro, foi detido por pequenos furtos e brigas. Sumiu aos 18 anos, em 1968, depois de ser levado de casa por um PM que se identificou como cabo Madureira, dizendo que iriam para a “Ilha das Cobras”.

Taxista e o carro dele sumiram depois de encontro com PM na unidade policial em Sete Lagoas, no ano de 1971

FRED MAGNO

FRED MAGNO



Maria Martins Maciel, viúva de Feliciano Duarte Maciel, o Neco Cecílio, segura foto do casal

“Só morreu quem não prestava”, dizia jagunço

Confrontado pelos filhos após ossadas serem encontradas em cisternas, o mais fiel amigo de fazendeiro não negou os crimes cometidos à época

■ RENATO ALVES

Apontado como um dos responsáveis pela Chacina de Angueretá, José Luís Figueiredo, dono da fazenda Porto Mesquita, onde, em 1975, foram encontrados 19 crânios e outros ossos em duas cisternas, morreu em Sete Lagoas, mas foi enterrado no cemitério do distrito onde ainda fica a propriedade, vendida por ele em 1970.

Zé Figueiredo e seu mais fiel amigo e “ja-

gunço”, Feliciano Duarte Maciel, o Neco Cecílio, foram sepultados lado a lado, na entrada do cemitério de Angueretá. Mas só o jazigo de Neco Cecílio, que morreu em 1993, tem a devida identificação. Zé Figueiredo tinha falecido dois anos antes, por problemas de saúde agravados pelos tiros recebidos em diferentes ocasiões.

“O Zé Figueiredo ficou paraplético lá em Sete Lagoas, depois do tiro na boca, mas ele fez questão que fosse enterrado aqui, em Angueretá”, conta João Gonçalves Mar-

ele disse ter visto seu irmão atirar em Nortista. Com a vítima já caída em uma poça de sangue, gemendo de dor, com marcas de dois tiros, Cecílio decidiu dar mais dois tiros, “para acabar de morrer logo”. Por fim, contou que não sabe nem procurou saber o destino do corpo.

“Um dia eu ia tocando gado, que tinha comprado em Belém para a Porto Mesquita, e vi o Zizinho (Antônio de Oliveira Machado) atirando num nortista. Eu, então, atirei também. Dei dois tiros. Não vi mais nada depois disso porque era de noite”, disse a jornalistas após o depoimento.

tins, 81, amigo do fazendeiro. A informação foi confirmada por parentes de Neco Cecílio que ainda moram no povoado de Angueretá.

A maioria diz não saber nada sobre as mortes atribuídas a Zé Figueiredo e seus jagunços. Mas todos fazem alguma referência ao caso, como Tânia Duarte, 59, filha de Cecílio. “Eles iam com o povo na porta da nossa casa, chamavam o papai no particular, e ele ia”, comenta, sem dar nomes.

O “povo” eram pessoas que, ainda segundo Tânia, estavam presas em um jipe. Testemunhas e até acusados disseram, em depoimentos prestados em 1975, que policiais militares lotados na cadeia de Sete Lagoas usavam

No entanto, ao longo do processo, todos os acusados negaram participação no crime. Alegaram ter confessado a policiais civis após tortura na delegacia, em BH. Alguns disseram ter assinado depoimentos já prontos. O caso de Nortista foi a julgamento em Curvelo, em 1977. Não houve condenação. (RA)

um jipe para transportar até Angueretá pessoas que seriam mortas a tiros e jogadas nas cisternas.

DELEGADO. Neco Cecílio tinha 54 anos quando as ossadas foram descobertas. Ele havia ocupado o cargo de delegado de Angueretá, mesmo sem saber ler nem escrever. Era o período da ditadura militar. Funções como esta geralmente eram entregues a pessoas de confiança das lideranças políticas locais, alinhadas ao regime.

Tânia Duarte conta que, após as escavações nas cisternas, os filhos de Cecílio o questionaram sobre seu envolvimento na matança. Ele deu respostas vagas, sem negar nada. “Quando a gente perguntava sobre a cisterna, ele não falava muita coisa, dizia apenas assim: ‘Mas tudo que nós jogamos lá dentro não prestava’”, lembra.

Ela deu entrevista ao lado da mãe, Maria Martins Maciel, 95. A viúva de Cecílio, com quem se casou aos 19 anos e teve 15 filhos, ressaltou que nem o marido, nem Figueiredo cum-

• Feliciano Duarte Maciel, o Neco Cecílio, e Elmar de Oliveira Machado, o Sinhô Peixe, implicaram José Miguel Duarte Maciel, então delegado de Papagaio, na matança de Angueretá. Os três eram parentes.

• José Miguel admitiu, em depoimento, ter ido atrás de supostos homens contratados para matar José Luís Figueiredo, o Zé Figueiredo, seu primo. Disse que ele corria sério risco por causa de uma rixa com outros primos, mas negou ter matado qualquer pessoa.



priram pena por assassinar. “O povo tinha respeito pelo Zé Figueiredo. Ele não era ruim, não matava assim as pessoas, não”, reforçou.

Já sobre os crimes atribuídos ao marido, Maria disse apenas que ele nunca falou nada com ela nem ninguém. “Ele não contava o passado dele para ninguém e virou delegado. Não era delegado, era ‘coroné’, como o povo chamava. Não tinha esse negócio de concurso. Era escolhido. Ficou cuidando da polícia aqui. De vez em quando, os policiais que vinham de Curvelo e Sete Lagoas até tomavam banho na nossa casa”, relatou a viúva de Neco Cecílio.

Polícia diz que houve confissão de ao menos um assassinato

■ Além de amigos, Zé Figueiredo e Feliciano Duarte Maciel, mais conhecido como Neco Cecílio, eram primos. O fazendeiro também era padrinho de alguns dos filhos do outro, que ganhou o apelido por ser filho de Cecília – ele era branco. E, conforme jornais e revistas da época, ele confessou a participação em um dos homicídios que tiveram envolvimento do primo.

Em 7 de julho de 1975, Neco Cecílio se apresentou espontaneamente em uma delegacia especializada em homicídios, em Belo Horizon-

te. Lá, assinou a declaração no inquérito que apurou o assassinato de Manoel da Costa Lima, o Manoel Nortista, que teria sido morto com tiros disparados por Zé Figueiredo.

Ainda segundo a Polícia Civil, Cecílio disse ter visto o primo, seu sobrinho Cléber Oliveira de Machado e um terceiro homem, Antônio de Oliveira Machado (irmão de Cecílio), discutindo com Manoel Nortista, em Angueretá. Cecílio estava a cavalo, tocando o gado que havia comprado em Belém (PA) para ser colocado na Porto Mesquita.

Ainda segundo o inquérito,

Porteira da propriedade onde, em outubro de 2023, quatro casas foram demolidas

Justiceiros continuam “no comando” de Angueretá

Distrito que foi cenário de execuções em série ocorridas 50 anos atrás convive atualmente com ação de milícia e violência em disputa por terras

■ RENATO ALVES

Estigmatizado pela onda de assassinatos atribuídos a rixas entre antigos fazendeiros e, principalmente, pelo episódio das ossadas encontradas em duas cisternas de uma propriedade rural, 50 anos atrás, o distrito de Angueretá, em Curvelo, ainda convive com a violência praticada e apoiada por alguns moradores.

Um grupo formado por homens adultos age como justiceiros, chamados de “capas pretas”. Com capa e balaclava na cor preta, exibindo armas de fogo, abordam estranhos e forasteiros. Um deles faz questão de exibir a espingarda calibre .12 quando entra em ação com os demais integrantes do grupo, uma espécie de milícia.

“Cê não é daqui, tá preci-

sando de alguma coisa?”, é o que costumam perguntar ao encontrar alguém no vilarejo que julgam ser uma ameaça, conforme relatos de moradores, que, em sua maioria, apoiam a atitude. Se a pessoa não dá uma explicação convincente, recebe um ultimato para deixar o povoado imediatamente.

Recentemente, uma família foi expulsa de casa, sob a suspeita de estar ali para iniciar o tráfico de crack. “Mas, hoje, o povo não mata, só bate, corrige”, ressalta um comerciante local. Ele elogia os acusados de envolvimento no caso das ossadas, alegando que, quando estavam vivos, o lugar não abrigava criminosos.

CASAS DEMOLIDAS. O que pouca gente comenta publica-

mente no “Distrito das Almas” é outro recente episódio de intimidação e violência envolvendo uma família inteira. Em 11 de outubro de 2023, quatro casas foram demolidas na área rural de Angueretá. Cinco pessoas moravam nos imóveis, todas parentes. Eram donas do terreno, que acabou tomado por um empresário da região.

Valdevir Gomes da Silva, 73, que estava sozinho no local, quando quatro homens armados chegaram e o colocaram para fora de casa, foi obrigado a assistir à destruição dos imóveis, sentado no chão de terra. Só teve tempo de pegar alguns documentos. Em 30 minutos, tudo veio abaixo por meio da ação de tratores.

Além de Valdevir, no terreno onde as casas foram demolidas moravam, havia duas décadas, as filhas dele, de 50, 54 e 56 anos, além da esposa, de 75. Todos perderam os móveis, eletrodomésticos e roupas, soterrados. Com medo, foram morar em ca-

sas de parentes, em Sete Lagoas, a 55 km de Angueretá.

O terreno onde estavam as casas fica perto do KM 6 da MG-420 (rodovia que liga Curvelo a Pompéu), às margens do rio Paraopeba. Parentes contam que, após a demolição das moradias, Valdevir não conseguiu se recuperar, perdeu o apetite e entrou em depressão. O homem morreu em 30 de março de 2024.

SEM DOCUMENTO. O mandante da demolição foi identificado no dia seguinte. O fazendeiro, que também é empresário e tem 57 anos, disse à polícia que era o dono do terreno, mas não mostrou documento nenhum. Já as vítimas apresentaram o título de domínio da propriedade, dado pelo governo de Minas em uma regularização fundiária.

O delegado Henrique César Faleiros, responsável pelo inquérito, garantiu estar provado que as vítimas são as verdadeiras donas da terra. Elas contaram que o empresário tentava comprar a área havia anos, mas, diante da recusa, decidiu agir por conta própria e se apoderar dela à força.

Após 40 anos, distrito elege um vereador

A polícia não divulgou o nome do empresário. Mas sabe-se que ele é dono da Altivo Pedras. Sediada em Papagaios, cidade vizinha de Curvelo e Pompéu, foi fundada em 1985. Conforme a Receita Federal e texto no site da empresa, o grupo atua em 14 ramos diferentes, incluindo marmoraria, agronegócio e transporte rodoviário de carga.

É dito no site ainda que a empresa vende “tampos de mesa em ardósia preta para um dos hotéis mais tradicionais do Rio de Janeiro” e forneceu as “telhas de ardósia utilizadas na mais recente reforma realizada no telhado do Palácio das Laranjeiras, residência oficial do governador” do Rio de Janeiro.

“Em todos os seus empreendimentos, a Altivo Pedras atua de maneira socialmente responsável e destaca-se pelo desenvolvimento de projetos de alta tecnologia em harmonia com o meio ambiente, zelando não somente pela qualidade de seus produtos, mas também pelo atendimento a seus clientes, do relacionamento com seus funcioná-

Recentemente, o povo de Angueretá teve um motivo para festejar. Em outubro de 2024, depois de 40 anos, um morador do distrito foi eleito vereador de Curvelo. Gezinho Maciel (PSD), 34, é neto de Elmar de Oliveira Machado, o Sinhô Peixe, primo e um dos mais fiéis “jagunços” de Zé Figueiredo, segundo parentes de ambos.

Gezinho acredita que as histórias da chacina ficaram para trás: “Muita gente acha que Angueretá é um lugar ruim, mas não é. Aqui é terra de gente

• Em julho de 2024, a equipe de O TEMPO foi à propriedade cenário das demolições. Encontrou uma porteira fechada com correntes grossas e cadeados pesados. Ouviu de moradores que era perigoso circular pela área, pois haveria homens armados, encarregados de manter estranhos distantes.

• Desde então, a reportagem espera uma posição da Altivo Pedras. Além da Polícia Civil, que não havia concluído o inquérito até a publicação deste caderno, o caso é acompanhado pelo Ministério Público de Minas e pela Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa.

rios, fornecendo e de tudo que realiza e participa”, exibe o site da empresa. A reportagem tentou contato com a empresa, desde julho do ano passado, mas não recebeu resposta.

boa. Teve umas coisas ruins que aconteceram, mas isso ficou no passado. Agora é olhar para a frente. E vou correr atrás para melhorar o lugar, como o abastecimento de água”.

Sobre as acusações contra o avô, Gezinho preferiu falar do “respeito que os moradores tinham” por ele. “Meu avô ajudava muito as pessoas, levava quem precisava ao hospital, era um cara muito respeitado. Até hoje é”. Assim como o avô 50 anos atrás, Gezinho tem um mercadinho e restaurante à margem da rodovia que leva ao município de Pompéu. (RA)

ANGUERETÁ HOJE



Saiba todos os detalhes da Chacina de Angueretá com histórias de traição, vingança, emboscadas e assassinatos nas plataformas de O TEMPO

Além de conviver com o estigma da matança revelada há 50 anos, depois da descoberta de ossadas em cisternas, Angueretá, na região Central de Minas Gerais, sofre com danos causados pela exploração dos recursos naturais, tendo sendo vítima também do rompimento da barragem em Brumadinho, que poluiu o rio Paraopeba.

POPULAÇÃO E ESTRUTURA



400 pessoas moram atualmente em Angueretá, o mais antigo entre os cinco distritos de Curvelo



As terras do distrito são ocupadas por herdeiros dos antigos donos e antigos moradores sem terras ou com propriedades pequenas



80 casas compõem o povoado. As calçadas e as cercas são feitas de pedra ardósia, em sua maioria – refugio da mineração



Os sítios têm sido parcelados, dando lugar a pequenos lotes com casas sem acabamento nem esgoto, contando com poços artesanais



A vila tem uma escola municipal, uma creche pública, um centro de saúde e um posto dos Correios

ECONOMIA E IMPACTO



1980 foi a década em que as carvoarias começaram a perder força na região de Angueretá, com escassez de árvores e mudanças nas leis ambientais



Fazendas passaram a explorar a ardósia, a pecuária e o plantio de eucaliptos – para abastecer as siderúrgicas, seguindo as novas normas



São corriqueiras denúncias de exploração de mão de obra na região, inclusive aquela análoga à escravidão



Também há danos causados pela produção de carvão vegetal e eucalipto, com o uso excessivo de agrotóxicos



São muitos os casos de contaminação de moradores. Animais como emas, jacarés e veados praticamente desapareceram

TRAGÉDIA DE BRUMADINHO



O rio Paraopeba foi atingido pelos rejeitos tóxicos da barragem da mina de Córrego do Feijão, em Brumadinho, rompida em 25 de janeiro de 2019



100 mil pessoas, incluindo moradores de Angueretá, foram afetadas pelo desastre, que causou impactos ambientais, sociais e econômicos



Entre os afetados estão os herdeiros da fazenda Porto Mesquita, a mesma onde há 50 anos foram descobertas as 19 ossadas em duas cisternas



Apesar de estar às margens do Paraopeba, a propriedade é abastecida por caminhões-pipa enviados e pagos pela Vale. Não há mais como plantar



Com o rio poluído, sumiram os pescadores, que passavam dias em barcos e em ranchos nas margens dele, abastecendo-se no comércio de Angueretá

O TEMPO



PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
EDITORES EXECUTIVOS Renata Nunes e Juvercy Júnior
COORD. DE JORNALISMO Flaviane Paixão

REPORTAGEM: Renato Alves **EDIÇÃO:** Fransciny Ferreira
FOTOS: Fred Magno **EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA:** Daniel de Cerqueira
DESIGN E DIAGRAMAÇÃO: Rose Braga **INFOGRAFIA:** Denver Oliveira
CAPA: Acir Galvão **REVISÃO:** Luciana Oliveira